

PROSA

Dois Dedos de

Nº 40 - Recife PE - Março de 2004

Experiências agroecológicas viabilizam segurança alimentar e nutricional.

Agricultura agroflorestal produz alimentos e preserva meio-ambiente. **Pág.3**

Água para beber...

Cisternas construídas no semi-árido armazenam a água da chuva.

E para produzir:
no roçado agroflorestal.
Pág.5



Beneficiamento e comercialização:
duas ações se complementam para gerar renda.

Pág.4

ADESSU,
organização de agricultores no semi-árido, consolida ação de desenvolvimento rural sustentável. **Pág.7**

Jovens são preparados para multiplicar a agricultura agroflorestal.

Pág.8



AÇÕES PARA A SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

Segurança alimentar é um conceito bastante abrangente. Deve ser entendido desde a sua idéia imediata, como a garantia de alimentos em quantidade e qualidade nutricionais suficientes para o desenvolvimento humano, até as condições necessárias para tal, como a existência de uma agricultura sustentável, em que haja preservação dos recursos genéticos e hídricos; de uma agricultura familiar fortalecida, com geração de renda, e que possa produzir para atender ao consumo da família e da população; de agricultores organizados, que dialoguem permanentemente com o poder público e a sociedade e, por fim, de uma sociedade civil mobilizada, responsável pelas decisões públicas e preocupada em garantir um futuro de qualidade.

Trabalhando diretamente com 300 famílias que implantaram sistemas agroflorestais e com aproximadamente 5.000 de forma indireta, que foram sensibilizadas através de cursos de capacitação, no estado de Pernambuco. O **Centro Sabiá** lança as sementes e já colhe bons frutos do trabalho com agricultura agroflorestal e captação, armazenamento e gerenciamento de recursos hídricos, que perpassam pela temática da segurança alimentar e nutricional.

Neste sentido, as ações desenvolvidas pelo **Centro Sabiá** e organizações parceiras no campo da agroecologia têm resultados positivos. É necessário destacar as experiências dos agricultores, na dimensão de uma produção diversificada com quantidade e qualidade, gerando um maior desenvolvimento para as famílias que começam a mudar seu hábito alimentar, melhorar a qualidade de vida com o consumo de alimentos limpos e saudáveis. Além disso, exemplos de sustentabilidade, processos de geração de renda e fortalecimento de instituições de agricultores têm sido vivenciados no constante trabalho pelo desenvolvimento das comunidades rurais. Esta edição do *Dois Dedos de Prosa* estimula e convida a todos a conhecerem estas experiências no Sertão e no Agreste de Pernambuco.

Eventos do Centro Sabiá

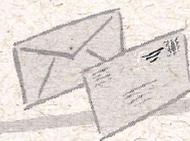
De 26 a 29 deste mês, haverá um intercâmbio entre as organizações parceiras do Centro Sabiá: ADESSU e AGROFLOR. Os agricultores do

agreste de Pernambuco irão visitar as áreas agroflorestais do sertão do estado e trocar experiências sobre o trabalho.

Expediente

Informativo nº40 – Março de 2004 – Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá – Rua do Sossego, 355 – Santo Amaro – 50.050-080 – Recife-PE – Telefaxes (81) 3233 3323 / 7026 – E-mail: sabia@centrosabia.org.br • **Diretoria** – diretor-presidente: Jones Severino Pereira; diretor vice-presidente: Domingos Sávio; diretora-secretária: Sandra Rejane • **Coordenação** – coordenador geral: José Aldo dos Santos; coordenador técnico: Joseilton Evangelista; secretária executiva: Verônica Batista • **Equipe Técnica** – Adeildo Fernandes da Silva, Alexandre Henrique B. Pires, Cleize Mota, Fábio Pereira, Marja Aparecida Azevedo, Pieter Vranckx • **Equipe Administrativa** – Pedro Eugênio S. da Silva, Vânia Luiza Silva, Janaina Ferraz, Valdemir Rodrigues • **Redação e edição**: Paula Reis Melo (DRT-PE 2409) • **Estagiária**: Ana Paula de Lira • **Fotos**: Michele Maria de Souza • **Diagramação**: Marta Braga • **Apoio**: ICCO, Ministério do Meio Ambiente, TDH e Misereor • **Tiragem**: 3.000 exemplares • **Impressão**: Comunigraf. * O *Dois Dedos de Prosa* é impresso em papel reciclado.

Espaço do Leitor



Caríssimos amigos (as) que formam esta grande família do Centro Sabiá.

Para nós 2004 promete ser um bom ano apesar das dificuldades sócio-econômicas, falta de políticas públicas, fortalecimento das organizações do pequeno e outras enfrentadas no dia-a-dia. Nos alegramos muito com as chuvas que caem em nosso município. Ao mesmo tempo, sentimos pelos transtornos que outros passam. Quero parabenizá-los e agradecer a toda equipe do Sabiá pelo brilhante trabalho que desenvolve na agrofloresta enviando-me o Dois Dedos de Prosa. Excelente jornal! E os calendários, cada um mais interessante e criativo. Chique, viu! Gostaria de pedir, se for possível, o envio de um calendário deste ano para a Sra. Lindalva Maria de Jesus. Obrigada! Abraços e muitos êxitos neste ano que acabamos de iniciar.

Eva Freire - Serra do Mel-PI

Cara Eva,

A equipe do Centro Sabiá agradece as palavras de estima, também lhe deseja um bom ano de 2004 e enviará o material solicitado.

Atenciosamente,
A redação

Agrofloresta conserva ecossistema e garante variedade de alimentos

O roçado agroflorestal iniciado em 1996 por Rafael Justino Braz (43 anos), da comunidade de Feijão no município de Bom Jardim, agreste de Pernambuco, dá bons resultados: produção diversificada, recuperação do solo, de plantas e volta de animais, além de uma boa alimentação para a família, composta por ele, a mulher, Ivonete (40), e os três filhos.

Localizada numa região de brejo, neste período de safra, a agrofloresta de apenas 1ha produz por mês 120 cocos, 500 laranjas, 200 limões, 60 jacas, 10 kg de acerola, 40 kg de jaboticaba. Há ainda banana, cajá, abacate, manga, caju e outras culturas de ciclo curto, que foram implantadas posteriormente, como macaxeira e cará. São 191 espécies vegetais, entre fruteiras, forrageiras, adubadeiras, nativas e adaptadas. Na mesma área, o agricultor cria abelhas nativas, rendendo, em média, 8 litros de mel por ano. "Este tipo de abelha é fundamental para a conservação do sistema porque garante a reprodução das espécies florestais nativas", explica Joseilton Evangelista, coordenador técnico do Centro Sabiá.

Na propriedade, que é de 9ha,

a família ainda cria duas cabras, duas vacas, dois bois, um cavalo, mais de 100 galinhas, e patos. Toda a ração é tirada do roçado agroflorestal.

Os produtos abastecem o consumo familiar e também são vendidos no Espaço Agroecológico do Recife (feira com produtos agroecológicos), no bairro das Graças. "Para mim, a agrofloresta melhorou a produção e a renda. Não compensa produzir de outro jeito", avalia o agricultor.

Tal diversidade de produtos e a dedicação ao trabalho fizeram com que Rafael passasse a ser agricultor-experimentador. "A cada ano ele amplia sua área de produção. Quando iniciou sua experiência implantou o cará agroflorestal que até então não havia. Foi o ano que ele conseguiu produzir o maior volume tanto em quantidade como em qualidade",

ressalta Adeildo Fernandes, técnico do Centro Sabiá. O agricultor é responsável por difundir o trabalho na região onde mora.

Mudando os hábitos - Antes de conhecer este sistema, Rafael praticava a agricultura tradicional. "Eu não tinha a menor dó de destruir uma capoeira, e às vezes nem dava conta de trabalhar toda a área queimada", comenta o agricultor.

As mudanças não ocorreram somente no ecossistema com a recuperação do solo e da vegetação, e a volta de animais silvestres, mas, também na própria qualidade de vida, com uma alimentação diversificada e saudável. Quando precisa comprar alimentos, a família também se preocupa com a procedência dos mesmos. Quanto à relação com a natureza, o próprio Rafael ressalta: "estou preocupado em reflorestar".



Rafael Justino: "Não compensa produzir de outro jeito".

Beneficiamento e comercialização aumentam renda familiar e qualidade da alimentação

Agricultora agroflorestal Ivonete Lídia Vieira, 53 anos, do Sítio Baixa das Flores, município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE, fabrica doces, licores, bolos e tortas, todos comercializados aos sábados no Espaço Agroecológico de Serra Talhada. "Os

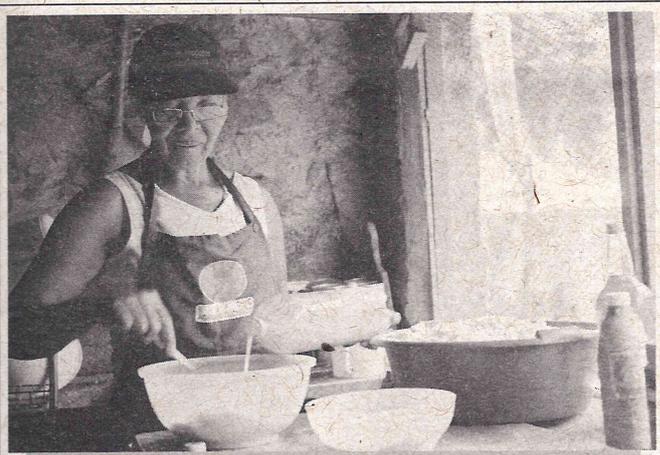
clientes gostam, já conhecem. Quando eu chego lá já vêm comprar. Levo também ovo, goma para fazer tapioca na feira, bolo de milho seco, entre outros produtos; e vendo tudo", conta.

Entre as vantagens do beneficiamento, a melhoria da renda é comprovada por Ivonete Vieira: "um cento de banana se vende por dois reais, já um pote do doce fica por 8,50 reais, e um cento de banana dá meio mundo de potinho, não sei exatamente quantos. Então é melhor beneficiar".

Com a atividade, a agricultora tem uma renda mensal de mais de um salário mínimo. No ano

passado, a safra do cajá lhe rendeu R\$ 500,00, e este ano espera obter um lucro ainda maior, pois, segundo Ivonete Vieira, não sabia como aproveitar a fruta: "Perdi muito cajá, mas depois que aprendi a beneficiar, fiz licor, doce, e principalmente polpa e vendi nas pousadas, restaurantes e lanchonetes em Triunfo."

O beneficiamento ajudou a melhorar a qualidade da alimentação na família. "Aprendi a ter cuidados como, por exemplo, aqui a verdura a gente só achava bom se colocasse maionese, mas hoje eu faço sem maionese, fica um sabor diferente e mais saudável. Só coloco o tempero normal com cheiro verde", explica. Ivonete Vieira fez treinamentos promovidos pelo Centro Sabiá e ADESSU, e hoje, além de ser difusora da agricultura agroflorestal, já dá cursos de processamento.



Toda semana, Ivonete Vieira fabrica os bolos para vender no Espaço Agroecológico de Serra Talhada (feira de produtos agroecológicos).

Aprendizagem ao lidar com o cliente

Conhecido como o animador do Espaço Agroecológico de Serra Talhada, o agricultor Noé Ursulino de Souza (47 anos), descobriu na comercialização a geração de renda e o aprendizado para lidar com o cliente: "sempre a gente gosta de se comunicar. Vem na minha consciência que se eu tratar bem o freguês e a mercadoria for boa, ele volta", explica. Um dos fundadores do Espaço Agroecológico, no ano 2000, e trabalhando há seis anos com agrofloresta, Noé Souza tira um salário mínimo por mês, e comemora: "antes eu vendia ao atravessador e com a participação na feira comecei a agregar valor ao produto. Vender diretamente ao consumidor

compensa o tempo de trabalho e o custo do transporte. Tudo o que levo para a feira, eu vendo, pena que a gente não tem produto todo o tempo", lamenta.

Quando pode, a mulher Vandineide (37), que é professora, ajuda na feira e destaca que a importância de se relacionar com os clientes: "Temos um crescimento pessoal, porque trocamos idéias com as pessoas. Muitas vezes elas fazem as compras e ficam conversando com a gente". Noé Souza destaca o aprendizado no contato com os consumidores: "A gente conversa com as pessoas, troca experiência e aumenta os conhe-

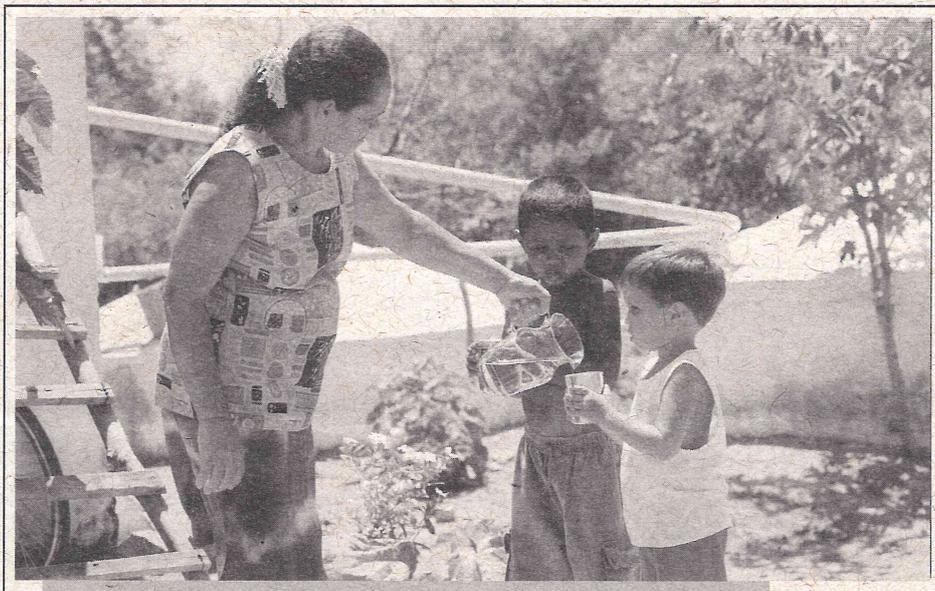
cimentos."

O roçado agroflorestal de Noé Souza fica numa área de 33x400m, no Sítio Carro Quebrado, no município de Triunfo-PE. Por semana, ele colhe 400 limões, um milheiro de laranja, um cento de pinha, 20 pacotes de 2kg de umbu, 200 kg de cana, 40 pacotes de acerola, seis molhos de capim-santo, 50 romãs. Da apicultura, extrai uma média de 35 kg por colméia. "Esse sistema melhorou muito a produção: a gente não trabalha com agrotóxico e tem um custo menor. Então oferece um produto limpo, sem doença, que o veneno é a doença do homem", explica Noé Souza.

Famílias agricultoras aprendem a captar e manter água de qualidade

Duas cisternas com capacidade para armazenar 16 mil litros de água, cada uma. Essa é a situação da casa da agricultora agroflorestal Maria de Lourdes de Oliveira Souza, 60 anos, localizada no Sítio do Carrapato, município de Santa Cruz da Baixa Verde, distante 400 km do Recife. “É tanto prazer de ter essas cisternas que dei até nome, como se fossem minhas filhas: Marica é a primeira, construída em 1999 e Marisa é essa que acabou de ficar pronta”, conta Dona Lourdes.

Com a chuva de janeiro deste ano, as duas cisternas encheram. A água é usada para o consumo de casa, como beber, cozinhar e lavar roupa, sendo suficiente para as seis pessoas da família, o marido, Manoel Souza (60), três filhas e um neto. “Agora está um banho gostoso, não é mais só com dois litros de água não”, comemora. Dona Lourdes não precisa mais caminhar 10 minutos até um poço, de



A família de Lourdes Souza com as cisternas Marica e Marisa.

onde tirava água para lavar roupa.

Para captar a água da chuva que cai no telhado para a cisterna, Dona Lourdes não armazena as primeiras águas por uma questão de higiene. Mantém a cisterna sempre fechada e com um balde específico para pegar

água. Para quem criou 15 filhos tendo que carregar água, e nem sempre de boa qualidade, a situação hoje é bastante diferente: “Depois dessa água, ninguém nunca mais tomou remédio para verme nem adoeceu”, comenta Dona Lourdes.

Água permite aumentar diversidade em agrofloresta no semi-árido

O barreiro do roçado agroflorestal de Lourdes Souza encheu, pela primeira vez, com a chuva de janeiro deste ano. “Aproveitei e plantei muda de pinheira, cajueiro e mangueira, porque sempre a gente aguar nos primeiros dias”, explica a agricultora, que também plantou feijão, feijão-guandu, milho, sorgo, fava. O fato de poder aguar é um grande diferencial para o roçado agroflorestal no semi-árido, pois assim é possível introduzir es-

pécies que não resistiriam sem água, como conta a agricultora: “Eu não podia plantar nada que precisasse de água. Era só acompanhando o semi-árido, com a palma e o mandacaru. Para os animais ia pegar água num poço longe daqui.” Tem criação de 14 cabras e 20 galinhas.

O barreiro já existia quando foi iniciada, em 1997, a agrofloresta. “E depois afundamos mais. É quase um tanque, porque a água, ficando espalhada evapora mais, e se o

barreiro for bem profundo, ela evapora menos”, ensina a agricultora. Para conservar a água, Lourdes Souza plantou ao redor do barreiro jurema preta, leucena, marmeleiro, cajazeira, imburana e sirigüela. “Isso vem dando certo. É uma grande mudança, nem isso eu sabia. Aqui já existiram muitas fontes que diziam que eram para a vida inteira, e eu não cheguei a conhecer essas fontes. Depois que desmataram a água sumiu.”

Banco de sementes gera auto-abastecimento e discussão sobre política agrícola

No início de cada ciclo agrícola, os agricultores de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde-PE, vão buscar sementes na sede da Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde – ADESSU. “A hora que chegam, eles recebem, porque não é como a semente do governo que chega no mês de maio ou junho”, explica Antônio Sabino dos Santos, técnico da ADESSU. Após a colheita, o agricultor armazena em garrafas de plástico do tipo PET e devolve a quantidade tomada emprestada em dobro à ADESSU para que o banco aumente sua provisão e possa atender a outras famílias.

O agricultor Higino Soares dos Santos, 46 anos, que já pegou as sementes este ano e plantou, participou do banco, quando pegou seis quilos de milho e 14 de feijão. Ele conta as vantagens de ser usuário do banco: “Achei muito bom, porque tive bom resultado, colhi 180 quilos de feijão e 120 de milho, fora 60 quilos de milho

que consumimos verde. No banco, tenho as sementes na hora certa de plantar, não fico dependendo das sementes do governo e as sementes são de boa qualidade”, explica.

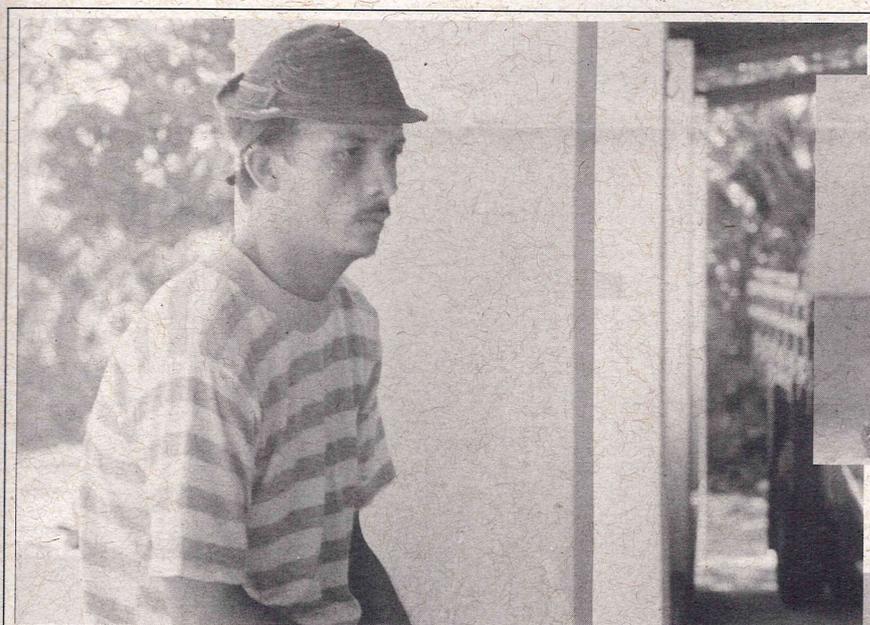
Na avaliação da ADESSU, esta dinâmica simples do banco de sementes tem uma grande vantagem: “despertou os agricultores para a necessidade de guardar as sementes”, explica Antônio Santos. “Ainda tem a importância de ser semente nativa, por exemplo, o milho crioulo de boa qualidade que nós temos acesso a hora que precisar”, destaca.

Desde que o banco iniciou, 35 agricultores participaram até agora, utilizando as sementes de milho, feijão e feijão guandu. Na colheita passada, 80% dos que requisitaram sementes devolveram, número que na avaliação de Edmilson Soares, tesoureiro da ADESSU, é um bom índice: “é porque tem aquela cultura de pensar ‘não vou pagar a semente’, que agora começa a mudar para ‘vou

guardar a semente no banco”.

Há também o banco rotativo de palmas e estacas (cajá, siriguela, banana) que funciona desde o ano 2000. A devolução se dá no prazo de dois anos também na quantidade em dobro. A ADESSU faz o acompanhamento e o controle e cerca de 25 agricultores estão envolvidos com o banco rotativo.

Início – O Banco de sementes se originou a partir de uma gincana realizada em 2002 entre as escolas de Triunfo. O desafio era coletar o maior número em quantidade e diversidade de sementes e maior quantidade de garrafas de plástico do tipo PET usadas para acondicionar as sementes, como forma de reciclagem. Ao final, foi discutido que as sementes deveriam ser doadas a uma organização que ficaria responsável por dar início ao banco de sementes. A ADESSU foi escolhida por ter área de atuação intermunicipal.



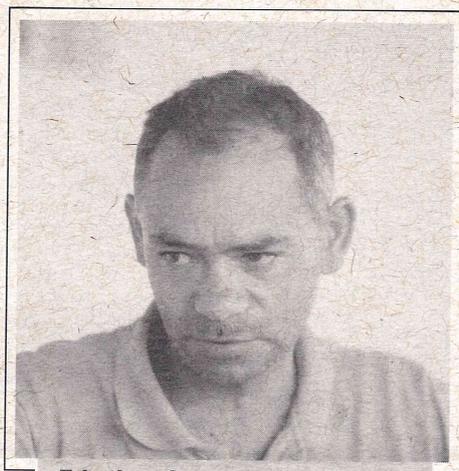
As sementes de milho são nativas.

Antônio Sabino dos Santos, técnico da ADESSU.

Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável fortalece a ADESSU

A Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde – ADESSU, com oito anos de existência colhe bons frutos do Projeto de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Serra da Baixa Verde: diversas áreas agroflorestais implantadas, uma maior consciência ecológica por parte das comunidades rurais dos municípios de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde e, conseqüentemente, o fortalecimento da ADESSU, já que o projeto “conseguiu fazer com que a entidade fosse reconhecida como instituição e ganhasse mais espaço, tanto por parte das entidades dos municípios como do poder público”, explica Edmilson Soares, tesoureiro da ADESSU. Como uma instituição que ajudou a fundar, o coordenador geral do Centro Sabiá, José Aldo dos Santos, avalia: “cada vez mais as organizações precisam ter mais autonomia e assumir a difusão da agricultura agroflorestal. O papel do Centro Sabiá é de assessorar as organizações. No início isso estava muito na intencionalidade. Com o projeto, isso foi possível de ser concretizado porque ajudou a consolidar os papéis”.

Iniciado em março do ano passado e com previsão de seis anos, o projeto é apoiado pela Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente – Amencar – e financiado pela entidade alemã KNH, para atender a



Edmilson Soares, tesoureiro da ADESSU

320 crianças. São desenvolvidas atividades de educação ambiental e oficinas culturais para as crianças. Para os pais e comunidades: capacitação em agrofloresta, captação de água de chuva, treinamentos em viveiros de mudas, campanhas educativas sobre lixo, queimadas, entre outras. Há uma parceria com as secretarias de educação dos dois municípios para iniciar uma experiência de agrofloresta em uma escola de área rural. E este ano será implantada a agroindústria, para o processamento de frutas (polpa, suco, doce), café, milho e cana-de-açúcar (rapadura, açúcar, cachaça e balas).

A gestão do projeto se dá de forma compartilhada com a comunidade. Foram formados núcleos comunitários que escolhem um representante para participar das reuniões de encaminhamento das ações do projeto. Este grupo compõe o conselho gestor do projeto e tem, além dos representantes das comu-

nidades, dois da ADESSU e um do Centro Sabiá. “Esse projeto viabiliza um sonho de nossa organização que, desde sua fundação, queríamos que a ADESSU crescesse e se tornasse referência. É mais especial ainda porque estamos trabalhando com o público infanto-juvenil”, avalia Edmilson Soares.

A ADESSU possui 52 sócios e é formada por três dirigentes (presidente, secretário e tesoureiro), dois técnicos agrícolas, uma educadora, uma secretária executiva e três agricultores difusores. “Vejo que tudo isso para a ADESSU é exercitar o papel de uma organização gestora de um projeto, de ter funcionários, de fazer articulação política”, comenta Alexandre Henrique Pires, técnico do Centro Sabiá. “A partir daí, está buscando participar dos conselhos municipais, espaços que antes a ADESSU não ocupava”, completa.

José Aldo dos Santos destaca a importância do projeto para o trabalho do Centro Sabiá: “nossa estratégia é alcançada a partir do momento que passa para uma dimensão mais regional. O Sabiá sai também do acompanhamento da unidade, da família produtora especificamente, para o acompanhamento de uma organização. Eu ousaria dizer que se trata de um projeto político de desenvolvimento da região. Trata-se de uma assessoria técnica e política”.

Formação de jovens difusores planta semente de permanência no campo

A Associação de Desenvolvimento Sustentável da Serra da Baixa Verde ADESSU, organização de agricultores agroecológicos e parceira do centro Sabiá, iniciou em fevereiro deste ano a capacitação de jovens para serem difusores da agricultura agroflorestal, nos municípios de Santa Cruz da Baixa Verde e Triunfo - PE. O objetivo é formar um Núcleo de Difusores Infanto-Juvenil que possa mostrar a viabilidade de permanência do campo e a valorização da profissão de agricultor. Aldo Laércio Vieira Nascimento e Maria de Fátima Sabino dos Santos são dois jovens que estão sendo capacitados.

Há dois anos, Aldo Laércio, 14 anos, acompanha a tia, Ivonete Vieira, no roçado agroflorestal, ajudando no plantio e na colheita. Estuda a 5ª série pela manhã e à tarde cuida da própria área, tendo plantado recentemente 14 mudas de árvores. "É bom trabalhar na agricultura, gosto da natureza", declara. Aldo está empolgado com o aprendizado, pois também acompanha a tia no trabalho de difusão. Ele sabe bem a lição: "devemos plantar mais para colher. Não se deve queimar nada", ensina.

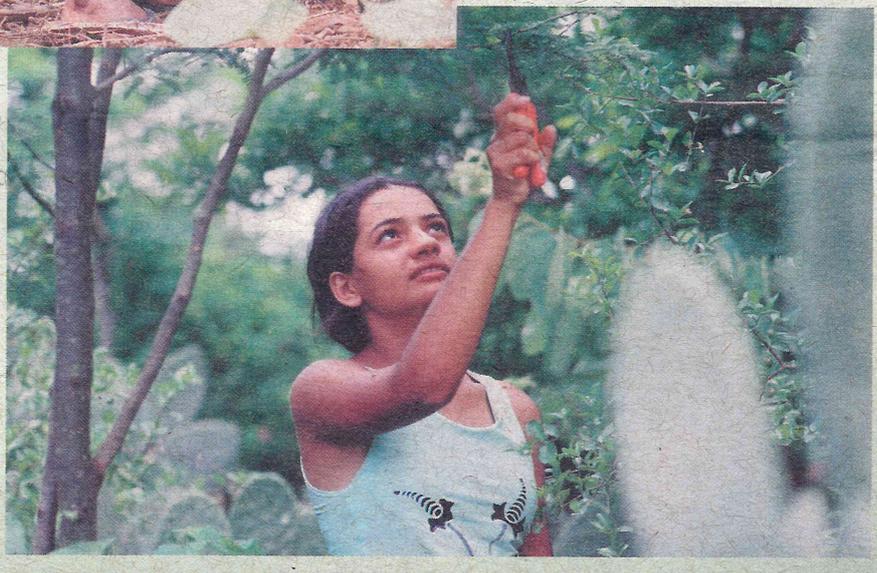
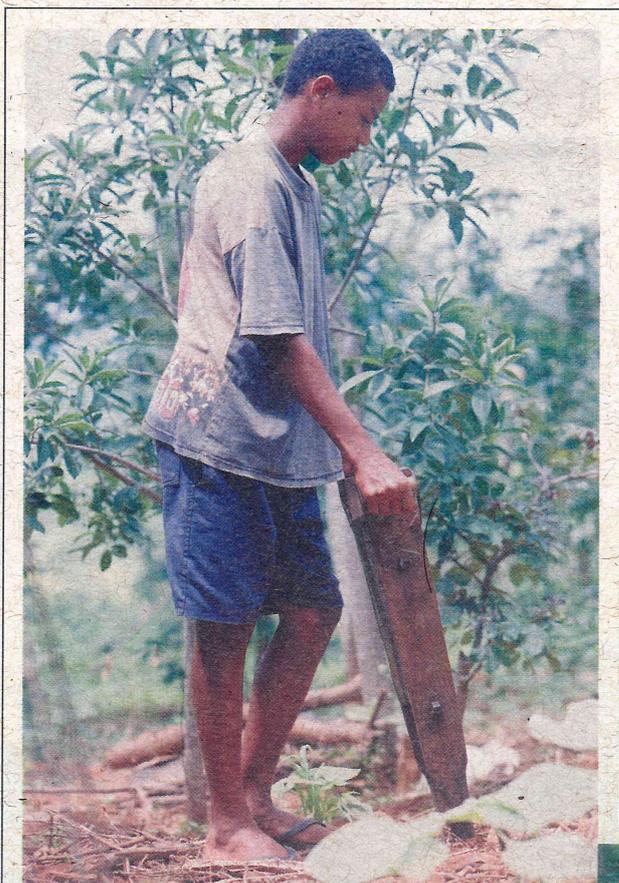
Maria de Fátima, de 16 anos, estuda o 1º ano do ensino médio à noite, e há um ano cuida sozinha de duas áreas de agrofloresta que somam 1ha, iniciadas por um irmão que viajou para São Paulo. Filha de agricultores e irmã do técnico

agrícola Antônio Sabino dos Santos, Fátima foi, desde cedo, familiarizada com o trabalho na agrofloresta. "Tenho muito apoio da família, meu irmão me incentivou. Estou feliz demais, é isso que quero fazer e estou com 12 livros sobre a agricul-

tura para ler", conta Fátima. A mãe, Maria de Lourdes Sabino dos Santos (56) se orgulha da filha: "Eu acho bonito, interessante. Fico olhando assim, foi tão bom Antônio trabalhar e passar esse trabalho para a família". Fátima realiza o programa de rádio de Triunfo e de Santa Cruz da Baixa Verde juntamente com Romero Pereira de Lima, de 17 anos, também em formação.

O envolvimento no trabalho provoca uma diferença na opinião dos jovens formandos, como Fátima própria constata: "os jovens daqui vão embora para trabalhar na cidade grande. Eu quero ficar aqui. Tenho vontade de estudar agronomia para me dedicar a esse trabalho. Para mim, a agrofloresta é tudo".

Aldo ajuda a tia no plantio de feijão.



Fátima: "Quero estudar agronomia."